

Fernando Pessoa, Friedrich Schlegel e Novalis

Fernando Pessoa, Friedrich Schlegel and Novalis

Palavras-chave: Fernando Pessoa – literatura – romantismo alemão

Keywords: *Fernando Pessoa - literature - German Romanticism*

Cláudia Souza*
(USP/FAPESP)

Doutora em Literaturas de
Língua Portuguesa – PUC-
-MG.
Pós-Doc em Filosofia – USP

claudiasouzza@hotmail.com

RESUMO. Pretendemos neste artigo aproximar aspectos da criação literária pessoana da filosofia do primeiro romantismo alemão. Fernando Pessoa foi leitor do romantismo alemão. Em sua biblioteca particular encontramos livros que comprovam esse fato. Para além deste aspecto, há uma consonância entre a filosofia do primeiro romantismo alemão e o espaço artístico e múltiplo da criação literária pessoana.

ABSTRACT. *We intend in this article to approach aspects of Pessoa's literary creation and the philosophy of the first German Romanticism. Fernando Pessoa was a reader of the German romanticism. In his private library one finds books that prove this fact. Furthermore, there is an affinity between the philosophy of the first German Romanticism and the Pessoa's artistic and multiple space of literary creation.*

“O mundo é um indivíduo potencializado, assim como o indivíduo não passa de um universo condensado¹.” Márcio Suzuki.

“Sê plural como o universo”.
Fernando Pessoa

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

Pretendo aproximar neste artigo, alguns aspectos da obra pessoana, dando especial ênfase para o projeto do desassossego e ao desdobramento pessoano, do pensamento filosófico dos primeiros românticos alemães, sobretudo dos escritos deixados por Friedrich Schlegel² e Novalis.

Fernando Pessoa, poeta e criador de heterônimos, foi também um leitor voraz: a análise dos documentos do seu espólio e

* Financiamento da Fapesp (proc nº 2015/16698-2).

1 SUZUKI, 1998, p.133.

2 Neste trabalho fazemos referência ao filósofo Friedrich Schlegel e em nenhum momento citamos a obra e o pensamento do seu irmão August Schlegel. Sendo assim, a utilização do sobrenome Schlegel indica referência apenas à obra e pensamento de **Friedrich Schlegel**.

da sua biblioteca particular são comprovações deste fato. Entre essas muitas leituras, destacamos algumas relevantes para o desenvolvimento do nosso trabalho. Em sua biblioteca particular constam: um livro de Novalis **Les disciples à Sais et Les fragments**³ curiosamente traduzido por Maeterlink⁴ e outro livro intitulado **The literature of Germany**⁵ onde existe um capítulo sobre o romantismo alemão. A presença destes dois livros no espólio pessoano nos revela que Pessoa se interessou pelo romantismo alemão. Para além destes indícios, encontramos referência a Schlegel e a Novalis em outros escritos pessoais.

Para fazer uma análise do primeiro escrito selecionado no qual há referência ao romantismo alemão, é preciso antes esclarecer quem é o autor deste texto. Trata-se de uma personalidade pessoana cujo nome é António Mora. Mora aparece pela primeira vez num projeto pessoano intitulado *Na casa de saúde de Cascaes*, como o próprio nome indica, trata-se de um livro - que não chegou a ser publicado - sobre uma casa de tratamento psiquiátrico. António Mora, neste projeto exerce o papel de um dos doentes, como podemos constatar na seguinte passagem:

...O mais interessante, porém, é o António Mora. É, pelo menos, o mais original de todos.

- O mais original?

- Sim, pessoalmente original como pessoa, não clinicamente original. Clinicamente não se afasta em nada do tipo de paranoico, ou da marcha conhecida da paranoia. É verdade que não é simplesmente um paranoico. É também um hystérico. Mas a paranoia é as vezes acompanhada de uma psychonevrose intercorrente. Não ha que extranhar. Nada ha ahi de exquisito. Não é nisto que elle é original. É na especie do seu delirio, no conteudo, que está todo o interesse. E não te digo mais nada...Verás...E dispõe-te para gastares tempo com elle, porque vaes ver, ficas interessadíssimo.

-Veremos.

- Garanto-te. Não será preciso apontar-t'ó. Conhecel-o logo pela toga.

- A toga? O quê! O typo anda de toga? Mas isso tem qualquer cousa que vêr com o delirio...?

- Verás, meu velho, verás...Não quero te dizer nada. Não quero te tirar o interesse á surpresa.⁶

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

Mais tarde, António Mora exercerá um importante papel no

3 NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. **Les disciples à Sais et Les fragments** / de Novalis ; traduits de l'allemand et précédés d'une introduction par Maurice Maeterlinck. - Paris. - Bruxelles : Paul Lacomblez 1914.

4 Pessoa foi muito influenciado pelo teatro simbolista de Maeterlink. Em seus projetos do Teatro estático encontramos referências ao dramaturgo belga (Cf: PESSOA, 2010).

5 ROBERTSON, J. G. **The literature of Germany**. - London : Williams and Norgate. - New York : Henry Holt and Company, [19??]

6 [BNP/E3-27/19-B/3-4]

diálogo entre Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Num primeiro momento Mora é personagem de um romance, e depois se transforma em autor de textos. Assim como Reis, Campos e Caeiro, ele fará parte da composição deste *drama em gente*⁷ pessoano, sendo influenciado por Alberto Caeiro, como podemos constatar no seguinte trecho:

O Antonio Mora era uma sombra de veleidades especulativas. Passava a vida a mastigar Kant e tentar ver com o pensamento se a vida tinha sentido. Indeciso como todos os fortes, não tinha encontrado a verdade, ou o que para elle fosse verdade, o que para mim é o mesmo. Encontrou Caeiro e encontrou a verdade. O meu mestre Caeiro deu-lhe a alma que elle não tinha; poz dentro do Mora peripherico, que elle sempre tinha sido, um Mora central. E o resultado foi a redução a systema e a verdade logica dos pensamentos instictivos de Caeiro. O resultado triumphal foi esses dois tratados, maravilhas de originalidade e de pensamento, *O Regresso dos Deuses e os Prolegomenos a uma Reformação do Paganismo*⁸.

Neste trecho percebemos a relação entre Mora e a filosofia, *passava a vida a mastigar Kant*. Essa personalidade escreveu em prosa e formava ao lado de Pessoa, Reis e Caeiro um contraponto com Campos, como podemos constatar em outro trecho de um projeto inacabado intitulado *Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro*, assinado por Álvaro de Campos:

Maravilho-me da doutrina de Antonio Mora, e discordo d'ella com

7 Em Dezembro de 1928 no número 17 da revista *Presença*, foi publicada a tábua bibliográfica pessoana e neste texto Pessoa afirma que a elaboração da obra dos seus heterónimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) constituiu um *drama em gente, em vez de um drama em actos*, como atesta a seguinte passagem: "As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreacção intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. Tudo isto constará de biografias a fazer, acompanhadas, quando se publicarem, de horóscopos e, talvez, de fotografias. É um drama em gente, em vez de em actos. (Se estas três individualidades são mais ou menos reais que o próprio Fernando Pessoa — é problema metafísico, que este, ausente do segredo dos Deuses, e ignorando portanto o que seja realidade, nunca poderá resolver".) PESSOA, 2000, p.404. Podemos assegurar a participação de António Mora neste drama em gente baseados na afirmação do próprio Pessoa no seguinte trecho que faria parte de uma obra intitulada Aspectos: "Esse Alberto Caeiro teve dois discipulos e um continuador philosophico. Os dois discipulos, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, seguiram caminhos diferentes; tendo o primeiro intensificado e tornado orthodoxo, o paganismo descoberto por Caeiro, e o segundo baseando-se em outra parte da obra de Caeiro, desenvolvido por um sytema inteiramente diferente, e baseado inteiramente nas sensações. O continuador philosophico, Antonio Móra (os nomes são tão inevitáveis, tão impostos de fóra como as personalidades), tem um ou dois livros a escrever, onde provará completamente a verdade metaphysica e practica, do paganismo.(...)" [BNP/E3-20-70 a 72]

8 [BNP/E3-71/A-24 a 26]

um gesto delicado de afastamento. O mal d'estes homens todos – o do Ricardo Reis, do Antonio Mora, do Fernando Pessoa, sim, porque sinto outside idolatry, do meu mestre Caeiro também – é que so veem a realidade. Diversamente todos a veem com clareza; todos são objectivistas, até Fernando Pessoa. Mas eu não vejo a realidade – palpo-a. Por isso elles são mais ou menos declaradamente, polytheistas, e eu sou monotheista⁹ (...)

Esse fragmento mostra como Mora participava do diálogo entre Caeiro, Campos e Reis. Apesar de não ter uma biografia consolidada como os demais (Caeiro, Campos e Reis), cumpria um papel importante na construção deste drama-em gente. Num escrito sobre a questão do paganismo, que como vimos é um dos projetos do António Mora, ele comenta sobre o romantismo alemão:

Com o romantismo alemão, propriamente dito, o dos Schlegel, de Tieck e de Novalis, entra a literatura germânica uma decadência, referindo-nos, por comparação, à precedente literatura de Schiller e de Goethe, se bem que o primeiro pecasse (houvesse pecado) na sua utilização do que admirava no paganismo¹⁰.

Neste texto Mora discorre sobre os efeitos do cristianismo e do paganismo no progresso da civilização. A referência ao romantismo alemão é importante porque revela os efeitos da persona critica pessoana em sua produção literária. Outro aspecto relevante que aproxima Pessoa dos primeiros românticos é a análise que ambos fazem da obra de Goethe. Reflexões sobre a obra de Goethe estão presentes em vários fragmentos do espólio, assim como em diversos fragmentos de Schlegel e Novalis. A crítica de Mora ao romantismo alemão parece ter relação com uma subjetividade excessiva presente no romantismo de acordo com essa personalidade pessoana. Essa subjetividade que seria responsável pela decadência da literatura germânica. Mora como defensor da construção de um novo paganismo, preza pela objetividade, rejeitando uma interiorização excessiva do indivíduo que consequentemente afastaria o mesmo da experiência pagã.

Em outro texto, intitulado *O Provicianismo Português* de 1928, é Pessoa quem faz referência ao romantismo alemão, citando uma frase de Novalis:

Para o provincianismo há só uma terapêutica: é o saber que ele existe. O provincianismo vive da inconsciência; de nos supormos civilizados quando não o somos, de nos supormos civilizados precisamente pelas qualidades que o não somos. O princípio da cura está na consciência da doença, o da ver-

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

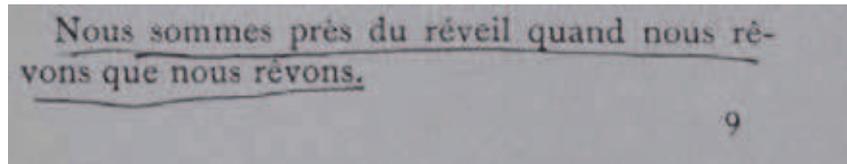
9 [BNP/E3-71^a-27]

10 [BNP/E3-12/1-71].

dade no conhecimento do erro. Quando um doido sabe que está doido, já não é doido. Estamos perto de acordar, disse Novalis, quando sonhamos que sonhamos. (PESSOA, 2000, p.373)

A referência a Novalis demonstra o interesse pessoano pela obra deste autor. Essa frase de Novalis foi lida e sublinhada por Pessoa no já referido livro presente em sua biblioteca particular, *Les disciples à Sais et Les fragments*:

Nous sommes près du réveil quand nous rêvons que nous rêvons¹¹.



É relevante também ressaltar a afirmação pessoana também presente neste trecho do texto, *O provincianismo português - é na incapacidade de ironia que reside o traço mais fundo do provincianismo mental* - justamente a ironia elemento tão importante na obra dos primeiros românticos alemães. Parece que em 1928, ano da publicação do texto pessoano aqui trabalhado, o autor português estava em consonância com alguns aspectos da filosofia do primeiro romantismo alemão.

Além das evidências aqui demonstradas que aproximam de alguma maneira Pessoa de F. Schlegel e de Novalis, mostraremos a seguir como o projeto do desassossego pessoano dialoga com alguns fragmentos deixados por Schlegel e Novalis.

O *Livro do Desassossego* permaneceu como projeto durante a vida de Fernando Pessoa. Antes de 1935, somente alguns trechos deste projeto foram publicados. A aproximação deste projeto pessoano com o pensamento de Schlegel e de Novalis pode ser realizada através do desdobramento pessoano que faz parte da elaboração deste livro.

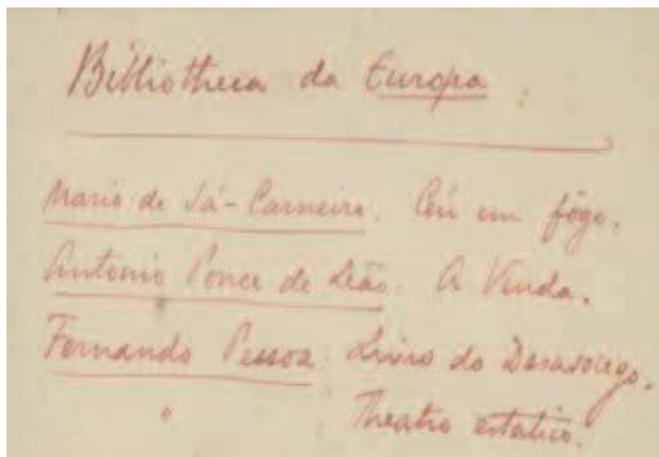
A noção de gênio como uma coletividade interior, desenvolvida por Schlegel, parece estar em consonância com a tessitura da estética do **Desassossego**. O projeto do **Desassossego** ao longo da sua elaboração recebeu a assinatura de três autores: numa primeira fase, Fernando Pessoa assinou os fragmentos do *Livro do Desassossego*, como podemos averiguar nesta lista, escrita talvez em 1914:

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

Biblioteca da Europa
Mario de Sá-Carneiro: Céu em fôgo
Antônio Ponce de Leão: A Venda

11 NOVALIS, 1914, p.77. Tradução nossa: *Estamos perto de acordar quando sonhamos que sonhamos*. Rubens Rodrigues Torres Filho em sua edição, Pólen Novalis, traduz este trecho de outra forma: *Estamos próximos do despertar, quando sonhamos que sonhamos*. (NOVALIS, 2009, p.43).



Theatro estatico¹²

Na fase seguinte Pessoa passa o livro para as mãos de Vicente Guedes, como podemos confirmar nesta lista:

Na Casa de saúde de Cascaes inclui:

- 1) Introdução, entrevista com Antonio Mora
- 2) Alberto Caeiro
- 3) Ricardo Reis
- 4) "Prolegómenos" de António Mora
- 5) Fragmentos

Vida e obras do engenheiro Alvaro de Campos.

Livro do Desasocego

escripto por Vicente Guedes, publicado por Fernando Pessoa¹³.



ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

12 [BNP/E3-68^a-3]

13 [BNP/E3-5-83]

Vicente Guedes foi uma personagem literária pessoana que não chegou a se constituir como heterônimo. Essa personalidade assumiu diversas tarefas no laboratório literário de Pessoa: foi contista, tradutor e responsável pelo projeto do **Desassossego** durante a segunda fase da elaboração deste. Outro aspecto importante deste documento é a referência ao nome de António Mora. Esse fato mostra como o espólio pessoano funcionou e ainda funciona como um laboratório de experimentação, onde as substâncias, ou seja, nomes e projetos se misturam, se encontram.

Na terceira e última fase da escrita do *Desassossego*, Fernando Pessoa entregou o projeto a outra personalidade, Bernardo Soares, o ajudante de guarda livros da cidade de Lisboa, como podemos contatar neste documento:

Do “Livro do Desasocego,
composto por Bernardo
Soares, ajudante de guarda-
Livros na cidade de Lisboa”,
por
Fernando Pessoa

Podemos assim dizer que Pessoa se constituiu em uma pessoa genuinamente sintética, como diriam os primeiros românticos: “O gênio, diz Schlegel, é uma coletividade interior, uma comunidade interna legalmente livre de muitos talentos, ou como diz Novalis, uma pessoa genuinamente sintética que é ao mesmo tempo mais pessoas” (SUZUKI, 1998. p. 235). E podemos constatar esse fato não somente no projeto do **Desassossego**, como também na própria constituição da personalidade literária, António Mora.

No que diz respeito a escrita do projeto do *Desassossego* o problema da autoria ainda se coloca, cada editor deste livro, ao organizar os fragmentos para a publicação torna-se de alguma forma, autor, participando do desdobramento pessoano.

Depois da análise de todos os documentos pessoanos aqui apresentados, podemos concluir que existe um forte e complexo diálogo entre a literatura pessoana e o romantismo alemão. O interesse de Pessoa pela filosofia do primeiro romantismo alemão acabou transbordando em seu espaço artístico, diminuindo de alguma forma as fronteiras entre poesia (no sentido mais amplo do termo) e filosofia.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

BIBLIOGRAFIA:

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Tradução, apresentação e notas Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

BORGES, Paulo. *Teatro da vacuidade ou a impossibilidade de ser eu*. Estudos e ensaios pessoais. Lisboa: Verbo, 2011.

LACQUE-LABARTHE, Philippe, NANCY, Jean-Luc. “A exigência fragmentária”. Tradução e apresentação João Camillo Penna. *In: Terceira Margem – Revista do programa de pós-graduação em ciência da literatura, UFRJ*. Ano IX, nº10, 2004. pp.67-94.

NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. *Pólen - Fragmentos, diálogo, monólogo*. Tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Iluminuras, 2009.

PESSOA, Fernando. *Crítica – Ensaios, Artigos e Entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desasossego*. Tomos I e II. Edição de Jerônimo Pizarro. Lisboa INCM, 2010. p.43.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego / por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha ; prefácio e organização Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego por Vicente Guedes e Bernardo Soares*. Volume I e II. Organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

RIBEIRO, Nuno. “Fernando Pessoa leitor de Novalis e o problema da heteronímia.” *Revista Scripta: Belo Horizonte, PUCMG*, v.16, pp.56-68, 2012.

RIBEIRO, Nuno (ed.). *Fernando Pessoa, Philosophical Essays: A critical edition*. New York: Contra Mundum Press, 2012.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Friedrich Schlegel e Novalis: poesia e filosofia”. *In: Terceira Margem – Revista do programa de pós-graduação em ciência da literatura, UFRJ*. Ano IX, nº10, 2004. pp.95-111.

SOUZA, Cláudia. “A estética do desassossego: Fernando Pessoa e o romantismo alemão”. In: Osmar Oliva (Org). *Literatura e Danação*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2013.

SOUZA, Cláudia ; RIBEIRO, N. “Charles Robert Anon & Alexander Search: Filosofia e Psiquiatria”. Revista Filosófica de Coimbra, v. 21, p. 541-556, 2012.

SOUZA, Cláudia. *Ciências do Psiquismo Humano, política e criação literária no espólio de Fernando Pessoa (1905-1914)*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Dezembro de 2011.

SOUZA, Cláudia. “Inconsciente e arte: um ponto de encontro entre Fernando Pessoa e Freud”. In: *A Cultura Portuguesa no Divã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. pp.113-123.

SOUZA, Cláudia. “Vicente Guedes e Bernardo Soares: para além do Desasocego”. Revista Cultura ENTRE Culturas. Lisboa: 2011, pp.186-191.

SOUZA, Cláudia; SUZUKI, Márcio. “Novalis e Pessoa: lucidez poética e reflexão onírica”. Revista Filosófica de Coimbra, v. 23, p. 9-26, 2015.

SUZUKI, Márcio. ***O gênio romântico – crítica e história na filosofia de Friedrich Schlegel***. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 60-68
jul-dez, 2017